

Uma carta de Antéro

(a D. Carolina Michaelis)

Villa do Conde, 7 de Agosto de 1885 (?).

Minha Senhora

Recebi a carta de V. Ex.^a e o livrinho que o seu amigo amabilissimamente me offereceu. Agradeço a V. Ex.^a o incommodo que quiz tomar communicando-me aquellas noticias, para mim muito agradaveis, e ainda mais a benevolencia com que se encarregou de tornar conhecidos os meus versinhos a pessoas tão distinctas. Tantos votos autorisados tem levantado aos meus olhos o valor d'aquellas obrinhas poeticas, que me resolvi a publicar a collecção completa dos meus Sonetos, uns cento e tantos ao todo, que são quantos tenho feito desde 1860 até agora. Boa metade são ineditos. Creio que o livrinho sahirá antes do fim do anno, e então enviarei um exemplar ao sr. Goldbeck e outro ao sr. Teza, como testemunho do meu apreço e reconhecimento. Nenhuma outra cousa lhes poderei enviar, pois, do que tenho feito, julgo que só essa collecção de Sonetos merecerá ser conhecida. Senão tiver outro valor, valerá ao menos como um documento psychologico, que em seriedade e sinceridade não cede lugar a nenhum outro. Posso dizer que está alli o melhor da minha vida, aquella parte mais alta da nossa vida, que, justamente por ser já humana e não só individual, temos como que o direito de impôr á attenção dos outros. Poderia chamar-lhe, se o titulo não fosse pretencioso, *Memorias d'uma Consciencia*. Nunca pretendi ser poeta nem me preparei para isso com estudo e applicação: mas, não sei como, tenho sempre encontrado a poesia ao meu lado, e espontaneamente, quasi involuntariamente, tem revestido a forma poetica o meu pensar e o meu sentir (cousas que em mim andam sempre muito irmãs) no curso d'uma evolução moral, não sei se singular se typica, que me tem absorvido de molde a tornar-me quasi alheio a tudo mais.

Seja como fôr, isto me servirá de desculpa aos olhos do sr. Goldbeck, pois vejo pelas perguntas que faz, que me tomou por um poeta de grande cultura, muito lido e *geschult*. Infelizmente não sou tal, mas antes um filho da natureza, e tenho de confessar que, da literatura propriamente poetica, tenho lido relativamente pouco, e esse pouco fragmentariamente, ao acaso, ou apenas ao sabor da disposição de momento, e nunca, para tudo confessar, como quem estuda. Há mais de 20 annos que faço Sonetos, e todavia nunca escolhi esse *genero* nem estudei nos mestres os segredos especiaes d'aquella forma; levou-me para alli uma predilecção impensada e singular (pois, quando comecei, ninguem entre nós os fazia já, sepultados como estavam, com todas as outras formas classicas, debaixo da reprovação dos romanticos) e talvez a influencia dos nossos poetas do seculo XVI, que foram dos primeiros que conheci. O fun-

do de idealismo que ha n'aquelles poetas apossou-se então de mim e os seus Sonetos, especialmente os do Camões, tornaram-se para mim como um Evangelho do sentimento. Taes são as minhas raizes, se assim posso dizer. Depois li muitos poetas, e naturalmente muitos Sonetos (como os de Miguel Angelo, os de Filicaia, os de G. de Nerval, e alguns de Milton e Shakespeare) mas sem preocupação alguma de genero ou escolha, nem sobre tudo de estudo. Lia, porque precisava ler, *voilà tout*: Homero e os Niebelungen em traducções francezas; Goethe e Heine, Dante, Shakespeare, Byron, os Romanceiros hespanhoes, no original. Com isto, naturalmente, muita outra cousa, antiga ou moderna, boa e má, porque a minha curiosidade era grande: mas, torno a dizel-o, tudo isto mal e *à la diable*, na confusão e no tropel d'um espirito agitado por problemas que a poesia só por si não podia resolver. Nos mesmos poetas, era o fundo mais do que a forma que me atrahia. Mas, na minha impaciencia, na minha impetuosidade, saltava d'alli e a linguagem abstrusa, o formalismo, a extraordinaria abstracção de Hegel não me assustavam nem repelliam; pelo contrario: internava-me com audacia aventureira pelos meandros e sombras d'aquella floresta formidavel de ideas, como um cavalleiro andante por alguma selva incantada á procura do grande segredo, do grande fetiche, do Santo Graal, que para mim era a Verdade, a verdade pura, estreme, absoluta... Era uma grande illusão, como todos os Santos Graaes: mas essa illusão me levou gradualmente da imagem para o pensamento, fez-me sondar o que toda a alta poesia presuppõe, mas esconde tanto quanto revela, e — para que encobrir esta minha velha e inveterada pretensão? — fez de mim um Philosopho! Um philosopho *manqué*, talvez, porque, afinal, ainda não revelei ao mundo o meu Apocalypse, nem sei se chegarei a revelal-o... Mas, em todo o caso, pretensão ou realidade, o certo é que o philosopho, que por muito tempo só se exprimiu pela bocca do poeta, acabou por confiscar, por absorver, por devorar o pobre poeta, e agora que este acabou, impõe-se ao philosopho (para não passar por um assassino gratuito e aleivosos) a obrigação de ser gente por si só e de falar pela propria bocca. A collecção dos meus Sonetos é o testamento do pobre poeta que acabou. Entro agora n'uma phase nova, e tenho jurado consagrar-me d'aqui em diante, todo e exclusivamente, ao trabalho de coordenação definitiva das minhas ideas philosophicas, e, se tanto puder, á exposição methodica e rigorosa das mesmas.

Afinal, aquillo de que o mundo mais precisa, n'esta phase de extraordinario obscurecimento da alma humana, é de ideas, é de philosophia — e a Poesia, voltando a adormecer nos recessos mais mysteriosos do coração do homem, tem de ficar á espera até que o novo Symbolo se desvende e novos Ideaes lhe forneçam um novo alimento, lhe in-

suflem nova vida... e então voltará a cantar. O mundo (*este* mundo) está velho: e a Poesia só está á vontade n'um mundo novo, joven, energico.

Se me fôr dado ainda, antes de morrer, ter levado uma pedra para o edificio da Nova Egreja, serei feliz. Senão, contentar-me-hei com o desejo puro e o esforço consumido, que ainda isso não terá sido debalde. Parece-me que é o Renan que lá diz que o trabalho consumido nas obras da verdade não é perdido, ainda quando se desvia e não dá resultado, porque esse trabalho *em si* e essa vontade de acertar são a maior verdade e talvez a unica verdade... Estas explicações eram necessarias para corresponder á benevolencia e interesse pelas minhas cousas manifestado pelo sr. Goldbeck, a quem desejo manifestar o meu grande reconhecimento. Outras cousas vieram incidentemente e pelo correr do discurso. V. Ex.^a desculpará a longura insolita d'esta carta.

Muitas cousas são tambem para V. Ex.^a, a quem tributo verdadeira veneração. Tomei nota das observações do sr. Teza, que são muito acertadas, e farei algumas emendas no sentido que elle indica.

De V. Ex.^a

Creado humillimo

A. DE QUENTAL

(Das "Cartas de Antero", edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, a sair brevemente).